

A MULTIDIMENSIONALIDADE DA FIXAÇÃO DA CRENÇA A PARTIR DE CHARLES S. PEIRCE



resenha

Gustavo Muneratto

Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

Pós-graduando em Cultura e Consumo em Perspectivas Semiopsicanalíticas pela Universidade de São Paulo (USP). Publicitário.

E-mail: gmuneratto@hotmail.com

O propósito da obra *A Fixação da Crença*, de Clotilde Perez, é trazer uma reflexão atual a partir do texto de Charles Sanders Peirce, publicado em 1877. A pertinência da proposta está vinculada à necessidade que temos de buscar caminhos para a compreensão sobre as razões de acreditarmos no que acreditamos, principalmente quando a crença ultrapassa a razão, conforme acontece nos fenômenos negacionistas, tão presentes em nosso tempo.

Ao adentrar o mundo das crenças e do raciocínio humano, Charles Sanders Peirce nos leva a uma jornada que supera as fronteiras tradicionais da filosofia. Em sua obra, ele não apenas esboça os mecanismos subjacentes da formação e sedimentação das crenças, mas também pavimenta caminhos para a interdisciplinaridade inerente ao tema, conectando-se com diversos domínios do saber, como era próprio do seu pensamento. Nesse contexto, Peirce propõe que a crença e a dúvida são polos opostos em uma dinâmica contínua. Enquanto a dúvida provoca desconforto e inquietude, a crença oferece estabilidade, certa paz de espírito. Para elucidar esse processo, Peirce apresenta quatro métodos distintos para a fixação da crença: o método da tenacidade, baseado na negação da mudança; o método da autoridade, inspirado por líderes e instituições; o método a priori, que consiste em seguir o caminho ao qual estamos vocacionados a seguir e o método científico, vinculado intrinsecamente a realidade, ao qual Peirce dedicou sua vida. Atualizando as possibilidades de interpretação de cada um dos quatro métodos de fixação da crença, Clotilde Perez oferece uma visão plural e inovadora que sustenta e reafirma a assertividade e a validade dos pressupostos peirceanos nos dias atuais.

Entender a formação da crença por meio de Peirce também nos aproxima dos fundamentos da psicanálise, ainda que não haja qualquer referência no texto original. Sigmund Freud explorou as profundezas ocultas da mente, propondo a existência de desejos e traumas reprimidos, localizados no inconsciente. Esses elementos, segundo Freud (1900/2019), têm grande influência na formação de nossas crenças. Assim, associando a noção freudiana ao sistema de signos de Peirce, é possível inferir que as crenças não emergem somente de interações explícitas com o mundo, mas também de experiências e emoções subterrâneas, conforme evidenciado por Perez nesse livro.

Para ilustrar o processo de formação e solidificação da crença, podemos recorrer a analogias históricas e científicas. Antoine Lavoisier (1743-1794),

Como citar este artigo:

MUNERATTO, G. A multidimensionalidade da fixação da crença a partir de Charles Sanders Peirce. *Signos do Consumo*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 1-2, jul./dez. 2023.

Submetido: 30 out. 2023

Aprovado: 18 dez. 2023

enfetizava a importância da observação meticulosa. Similarmente, as crenças não surgem de maneira instantânea; são forjadas e solidificadas por meio de repetidas interações com os signos no mundo. Charles Darwin, com sua teoria da evolução, nos proporciona uma lente adicional. Assim como as espécies se adaptam ao seu ambiente, as crenças também evoluem e se transformam conforme o ambiente cultural e social.

O filósofo Immanuel Kant trouxe uma dimensão transcendental à discussão. Ele propôs que o ser humano possui categorias intrínsecas de entendimento, como tempo e espaço, que medeiam nossa experiência do mundo. Esta estrutura inata de categorização, quando vista à luz das ideias de Peirce, sugere que a formação da crença é influenciada tanto por fatores externos quanto por estruturas cognitivas internas, questionando também, nossa forma de pensar – “Certamente o tempo, o espaço e a casualidade fazem parte do universo, e como todo o universo está evoluindo – e não apenas as coisas nele – o tempo, o espaço e a casualidade, também evoluiriam”. Ivo Ibri (2021), amplia o debate ao introduzir uma dimensão pragmática, a crença não é meramente uma resposta passiva ao mundo, mas tem o poder de co-criar a realidade. Douglas Hofstadter (2008), em sua análise das crenças sociopolíticas, destaca como ideologias e crenças coletivas podem moldar sociedades, reforçando a natureza ativa e transformadora das crenças.

Assim, ao considerarmos *A Fixação da Crença* a partir de múltiplas perspectivas, conforme proposto por Clotilde Perez, compreendemos a complexidade da experiência humana expressa nas convicções que podem interferir diretamente nos comportamentos. As crenças, longe de serem meras representações passivas da realidade, emergem como forças dinâmicas que interagem, evoluem e moldam nossa relação com o mundo. Esta compreensão ampla, resultado da confluência de ideias inovadoras de Peirce e outros grandes pensadores que lhe deram inspiração, ilumina os caminhos para a compreensão das crenças na odisséia humana, reiterando a total atualidade desta obra aos nossos tempos.

A parte final do livro é dedicada aos aspectos biográficos de Peirce, em que a autora se esmera em buscar detalhes significativos da vida do autor, expressando sua condição de intelectual com ideias sofisticadas e, sobretudo, dedicado à pesquisa científica como forma de viver. Completa essas reflexões chamando a atenção para a necessidade da constituição de uma comunidade de pesquisadores, com fundamento público e abordagem social, como único caminho possível para fazer avançar o conhecimento, superando as eventuais idiosincrasias daqueles que acreditam em pesquisas a partir de suas próprias reflexões.

REFERÊNCIAS

- FREUD, Sigmund. (1900). *A Interpretação dos sonhos*. Obras completas. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. v. 4.
- HOFSTADTER, Richard. *The paranoid style in american politics: and others*. New York: Vintage Books, 2008.
- IBRI, Ivo. *Semiótica e Pragmatismo. Interfaces teóricas*. São Paulo: Editora Unesp, 2021. v. 2.
- PEREZ, Clotilde. *A Fixação da Crença*. São Paulo: Paulus, 2023.